

## ENTRE ARQUIVOS, RESGATES E MOQUECAS

**José Roberto de Souza** | Oficial Administrativo no Núcleo de Biblioteca e Hemeroteca - APESP

### Depoimento de José Roberto de Souza sobre seu convívio com a professora Heloísa Bellotto (em Portugal)<sup>1</sup>

José Roberto de Souza é um dos mais antigos funcionários do Arquivo do Estado atualmente; discreto, personalidade cativante, trabalha no setor de Biblioteca do APESP, na higienização de documentos, tendo passado por vários setores da Instituição, da Conservação à Paleografia, e foi um dos funcionários que teve o privilégio de trabalhar e conviver com a professora Heloísa Liberalli Bellotto, uma das grandes articuladoras da criação do Sistema de Arquivos do Estado no início dos anos 1980.

“Entrei no Arquivo do Estado como estagiário em 1992, na Rua Antônia de Queiroz, na Consolação, e ali mesmo conheci a professora Bellotto, que veio nos ministrar um curso de Arquivística”. Já na época, José Roberto passou a admirar a professora, por seu jeito simples e carinhoso de tratar com as pessoas.

### Com Bellotto no Projeto Resgate

Grupo de brasileiros no Projeto Resgate, em Lisboa, com professora Bellotto (de preto, no meio), e José Roberto atrás dela (1998).



Foto: Acervo Pessoal de José Roberto.

Durante sua trajetória no Arquivo do Estado, José Roberto participou do Projeto Resgate<sup>2</sup>, da Fundação Biblioteca Nacional, cujo grupo de trabalho paulista em Portugal foi coordenado pela professora Heloísa Bellotto, em 1998. O Projeto Resgate visava localizar e descrever os documentos brasileiros no Exterior.

<sup>1</sup> Depoimento oral, gravado em áudio, concedido a Márcio Amêndola e Flávio Ricci, 25 de julho de 2023, nas dependências do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>2</sup> Ver mais em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/projetoresgate/sobre-o-projeto-resgate-barao-do-rio-branco/>

Conforme nota explicativa, “o Projeto Resgate Barão do Rio Branco é um programa de cooperação arquivística internacional que tem por missão catalogar e reproduzir a documentação histórica manuscrita referente ao Brasil, do período anterior à Independência”<sup>3</sup>.

José Roberto explica sua participação: “Eu fui convidado e participei do Projeto Resgate em Portugal a partir de setembro de 1998; precisavam de alguém com uma boa base em Paleografia, que já leu manuscritos, e conhecesse um pouquinho de arquivística. E eu tinha uma base, a partir do que aprendi no trabalho e na Arquivística”. (...) “Eu já conhecia a professora Bellotto lá da Consolação (antiga sede do APESP), ainda como estagiário, em 1992, e através dela eu já pensava em trabalhar em Arquivística. Naquela época a dona Ady Siqueira de Noronha (Diretora do APESP) me falou que a Bellotto já colaborava com o Arquivo há muito tempo. Houve um encontro de Paleógrafos de vários Estados, e o local desse evento foi lá no Arquivo do Estado, na Consolação”.

Sobre o trabalho em Portugal, José Roberto nos conta:

“Eu fiquei lá por oito meses, quase nove, e voltei só em 1999. Passei o Natal lá, e acho que voltei em maio”. (...) “Eu trabalhei no Arquivo Ultramarino, na mesma rua [do arquivo] da Torre do Tombo (Arquivo Nacional Português), mas fiquei no Ultramarino. Lá tem muita documentação do Brasil, em um salão grande naquele prédio, na verdade um Palácio, com muitas salas (com documentos), e mostraram pra mim tudo o que tinha lá, acho que foram com a minha cara! Eles me mostraram até o subsolo, onde ficavam os documentos raros, em uma área restrita. O local onde fizemos nosso trabalho era em um dos andares desse Palácio (do Arquivo Ultramarino), um salão onde tudo era documentação do Brasil, tudo. Capitânicas de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Minas, Santa Catarina, e assim sucessivamente. São Paulo já estava em cima da mesa (foto do trabalho sendo verificada), e esse documento aqui (apontando) era também de Goiás. Eu trabalhava na organização dos documentos de São Paulo, eu, a Eliane e a Bellotto”.

Professora Heloísa Bellotto, no Arquivo Ultramarino em Portugal, com uma das assistentes brasileiras (1998).



Foto: Acervo Pessoal de José Roberto.

José Roberto se emociona quando lembra do apoio e da solidariedade que recebeu da professora Heloísa Bellotto, durante os oito meses em que permaneceu em Portugal, no Projeto Resgate: “A minha bolsa (paga com recursos do CNPQ) atrasou, atrasou muito, e aí a Bellotto me ajudou, me emprestou dinheiro, e quando a bolsa voltou a normalizar eu paguei a ela”. Sem recursos para comprar um computador pessoal

<sup>3</sup> Idem anterior.

(laptop), Roberto realizou tarefas que não necessitavam do uso da máquina: “Como eu não tinha computador, eles me propuseram: ‘A gente vai te dar um outro trabalho, que você vai fazer à mão, nas capilhas, nas capas de papelão que já vêm com o logotipo do Arquivo’. Eu preenchia o ano, as datas anterior e posterior, e dados do documento. Cada um estava fazendo a sua Capitania<sup>4</sup> e depois iriam copiar em microfilme, através da Ester Caldas Bertoletti (que era do CNPQ), que foi quem convidou e organizou esse trabalho, também a Bellotto. Os nomes da Bertoletti e outros organizadores do Projeto Resgate estão no Catálogo do projeto no livro que foi publicado”.

Sobre a equipe de trabalho, José Roberto nos diz: “a maioria dos colegas brasileiros que foram a Portugal, acabei conhecendo lá, eles também não sabiam muito de Paleografia, (conheciam) mais a parte de Arquivística, foi quando a Bellotto se propôs a criar uma apostila e dar um cursinho básico do básico para os demais colegas. A gente levou os cadernos de abreviaturas (usadas em manuscritos), eles também levaram e foi assim uma ‘mão na roda’, além da Bellotto dar essa força pra gente, que todo mundo ficou contente, e aí cada um conseguiu desempenhar o seu trabalho”.

### Entre arquivos e moquecas

“A professora Bellotto não saía com o grupo para jantar fora, por exemplo. Mas ela convidava: ‘Amanhã vou fazer uma moqueca, e quero que vocês compareçam’. Ela estava hospedada na casa de uma tia dela, de Portugal. (...) A Bellotto não ficava todo o tempo conosco em Portugal, quando ela tinha os seus compromissos, nos avisava: ‘Hoje eu não vou estar, porque vou pra França, Espanha, que tem uma palestra lá’. Mas ela ficava quase o tempo todo conosco no Projeto. Quando tinha uma dúvida, a gente marcava um final de semana, um sábado, ou durante uma das manhãs. Como a gente entrava à uma da tarde, a gente combinava quando necessário, ‘dez horas vamos à casa de Bellotto’, mas não era sempre, era mais nos finais de semana. A Bellotto não ficava só no trabalho sobre a Capitania de São Paulo, ela circulava entre todos os pesquisadores de outras Capitânicas, todos gostavam dela, eu acho que foi uma ‘bagagem’ de tirar as dúvidas que os demais tinham. Apesar de todos já terem um conhecimento, sempre fica uma dúvida, não é?”.

Professora Bellotto em um dos momentos de descontração com assistentes, em Portugal (1998).



Foto: Acervo Pessoal de José Roberto.

<sup>4</sup> Havia pessoas de todo o Brasil no Projeto Resgate, copiando documentos das várias Capitânicas, e Roberto era um dos responsáveis pela transcrição dos documentos da Capitania de São Paulo, ao lado da professora Bellotto e outros.

José Roberto elogia: “Na verdade, a professora Bellotto foi uma grande profissional, bastante carismática, porque as dúvidas que eu tinha, e os demais, em nenhum momento ela deixou de responder. Até na apresentação do Catálogo, a gente escreveu cada um a sua parte, ela leu, releu, concordou e tudo, e também fez a parte dela, compartilhou. Desde a Consolação, na antiga sede do Arquivo do Estado, desde os anos 1990, quando eu já a conhecia, a professora Bellotto sempre foi a mesma pessoa, tanto lá em 92, como recentemente, mais de 30 anos depois. Em nenhum momento de sua vida ela foi antipática, arrogante, e aí estou falando muito sério, ela sempre exigia o melhor, mas do jeito dela; quando estava errado, ela fazia a gente corrigir, fazer de novo, mas nos orientava; ela era doce”.

“Na verdade, todos viam nela uma mãezona. Quando ela se propôs a fazer uma apostila, disse: ‘Então vamos fazer uma apostila pra vocês tirarem suas dúvidas’. Ela estava vendo a gente tentar fazer o trabalho ali, e teve essa disposição de nos ajudar. A gente não chegava a sair pra tomar cerveja na rua, não (risos), mas a Bellotto gostava muito de passear, de visitar fulano, beltrano, mas trabalho, trabalho. Então tinha isso, de reunião, do Curso, e também de passarmos o Natal juntos, todos do grupo, onde até fizemos amigo secreto, ela fez o almoço para nós, e cada um levou algo para compartilhar e foi bom, foi muito bom aquele Natal de 1998. Aí a gente fala que a Bellotto é uma mãezona, é a nossa mãe de todos. Porque todos tiveram de passar o Natal ali, eu poderia estar com a minha família, mas não estava, e nem ela com a família dela. Mas a gente festejou ali”, em Portugal.

## Emoção e Saudades

José Roberto diz sentir saudades da Professora Bellotto, e fala dos encontros ‘familiares’ em Portugal: “A moqueca que ela fazia era muito boa, eu nunca tinha comido nem na minha casa! Mas eu gostei muito, ‘vixe’, ela tinha uma mão de fada pra cozinhar, até na cozinha ela era muito boa. Foi a primeira vez que comi uma moqueca de peixe, muito saborosa, o tempero, ela sabia onde comprar os peixes, tudo né? O tempero, aquele azeite... os custos a gente compartilhou, tudo o que se fazia era compartilhado, a gente ajudava, e aí ela comprava os ingredientes. (...) Ela falava: ‘Ah, Zé, você escolhe um bom vinho e compra’. E eu comprava.

E conclui com emoção: “Se a professora Bellotto não tivesse falecido e eu pudesse agradecer a ela, diria tudo de novo, pessoalmente, sobre a oportunidade em Portugal, de participar do Projeto Resgate, e até do dinheiro que ela me emprestou; só saudades, fazer o quê, não é? É o caminho de todos. Por isso que eu falo assim, uma mãe de todos, porque todos também sentiam falta de sua família, como ela também sentia”.

## Quem é José Roberto de Souza

José Roberto, no Arquivo Ultramarino, em Portugal (1998).



Foto: Acervo Pessoal de José Roberto.

José Roberto de Souza tem 66 anos, quase 30 anos dos quais vividos no APESP (desde 1992), com apenas uma breve interrupção. Designado para trabalhar na Paleografia, permaneceu ali por muitos anos, lidando com a transcrição de documentos importantes, e é de onde tem mais saudades, tendo trabalhado neste setor com a ex-diretora do Arquivo Ady Siqueira de Noronha, uma referência, e que permaneceu por mais de 50 anos no Arquivo do Estado.

“Quando eu cheguei aqui para trabalhar na Paleografia (anos 1990), o Odair me deu um livro que era um ‘Contrato de Madeira’, do qual fiz a transcrição, ainda sem noção de Paleografia, era um documento manuscrito en-

cadernado, um controle do contrabando de madeira (no período Colonial) igual a hoje na Amazônia, que ainda continua né? Essa transcrição do livro do Contrato de Madeira do século XIX foi o meu primeiro trabalho. Até falaram que eu ia virar monge, fiquei mais de um ano fazendo esse trabalho, dois ou três anos. Eu era estagiário, chegava e já fazia (essa transcrição), quatro horas por dia que era a minha jornada. Eu trabalhava na parte da tarde e depois à noite eu ia para a faculdade”.

“Mas acabei saindo, eu reclamava do salário de estagiário e fui procurar um emprego, mas bati a cara na porta e não consegui. Voltei, eles me contrataram de novo e aí fiquei, já aprendendo outras coisas, recebendo algumas dicas dos colegas, vendo com o que eu me identificava, e perguntavam: ‘Você fez aquela transcrição, será que você não vai se identificar na Paleografia e trabalhar com os documentos? Ou na Certidão?’ Então eu fiquei um período com a dona Ady, e ela já foi dando um toque pra mim: ‘Zé, acho que você já está apto a começar a fazer as Certidões’. E aí eu fui, ela me ajudava, sempre me ajudou, e também fui fazendo os cursos da Ieda... (Ieda Pimenta Bernardes).

No breve período em que foi trabalhar na Conservação, José Roberto lembra com carinho de outro importante trabalho que realizou: “Na Conservação não cheguei a ficar um ano, em 2013, onde ajudei a montar o “Redempção” (jornal Abolicionista do século XIX, restaurado pelo APESP, e que recebeu o prêmio ‘Memória Mundo’ da UNESCO em 2016).

“Em 2014, saindo da Conservação já fui para a Biblioteca, onde faço a conservação dos livros e publicações, na verdade a Rita (Rita Higa do Nascimento, Bibliotecária) precisa de alguém para fazer, né, e não é todo mundo que se dispõe a fazer certas coisas. Então eu falei assim: ‘Pode deixar que eu faço’; pra mim não tem mistério, eu faço. E José Roberto continua na instituição até hoje.